

## Planejando trabalho de campo: encontros entre a Geografia acadêmica e escolar a partir da análise da paisagem sob a perspectiva socioambiental em Ilhéus-BA

Planificación del trabajo de campo: encuentros entre la geografía académica y escolar a partir del análisis del paisaje en una perspectiva socioambiental en Ilhéus-BA

Isabella Menezes Gonçalves<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica voltada à articulação entre a Geografia Acadêmica e Geografia Escolar. O estudo foca na análise socioambiental do bairro Teotônio Vilela, em Ilhéus-BA, caracterizado pela ocupação urbana desordenada em áreas de manguezais e encostas. O objetivo central foi mediar o conceito de relação sociedade-natureza com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, utilizando a paisagem do lugar de vivência dos estudantes como objeto de análise. A metodologia estruturou-se em oito etapas, com ênfase no "pré-campo" com uso do Google Earth para comparação temporal (2012-2022) da expansão urbana e alterações na paisagem. Diante da impossibilidade da visita presencial, a confecção de cadernos de campo e a análise de imagens de satélite serviram como alternativas didáticas fundamentais. Os resultados indicaram que a mediação docente permitiu aos alunos identificar riscos socioambientais locais, contribuindo para a construção de conceitos geográficos críticos a partir da realidade vivida.

**Palavras-chave:** Áreas de Risco; Ensino de Geografia; Pré-campo.

### Resumen

Este trabajo tiene como objetivo presentar una propuesta metodológica dirigida a la articulación entre la Geografía Académica y la Geografía Escolar. El estudio se centra en el análisis socioambiental del barrio Teotônio Vilela, en Ilhéus-BA, caracterizado por la ocupación urbana desordenada en áreas de manglares y laderas. El objetivo central fue mediar el concepto de relación sociedad-naturaleza con alumnos del 7º año de la Enseñanza Fundamental, utilizando el paisaje del lugar de vivencia de los estudiantes como objeto de análisis. La metodología se estructuró en ocho etapas, con énfasis en el "precampo" con el uso de Google Earth para la comparación temporal (2012-2022) de la expansión urbana y las alteraciones en el paisaje. Ante la imposibilidad de la visita presencial, la elaboración de cuadernos de campo y el análisis de imágenes satelitales sirvieron como alternativas didácticas fundamentales. Los resultados indicaron que la mediación docente permitió a los alumnos identificar riesgos socioambientales locales, contribuyendo a la construcción de conceptos geográficos críticos a partir de la realidad vivida.

**Palabras clave:** Áreas de Riesgo; Enseñanza de la Geografía; Pre-campo.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). [imgoncalves.progeo@uesc.br](mailto:imgoncalves.progeo@uesc.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de um plano de aula desenvolvido com o intuito de articular a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar. Durante o primeiro semestre do Mestrado Acadêmico em Geografia (PROGEO) da Universidade Estadual de Santa Cruz foram realizadas diversas leituras e discussões. Esses debates, fomentados ao longo das disciplinas, variaram desde o objeto de estudo da geografia até as mudanças e avanços que ocorrem na ciência geográfica.

Com o constante avanço do processo de globalização impulsionado pelo sistema capitalista, a sociedade transformou-se e, conseqüentemente, sua dinâmica com o meio e com a natureza também se modificou. Diante dessa nova conjuntura, debates sobre a relação sociedade-natureza emergem no âmbito acadêmico trazendo novos autores, perspectivas e métodos de análise.

A partir desse contexto, surge a inquietação: será que essas novas discussões e perspectivas chegam à educação básica? De que forma promover essa nova análise da relação sociedade-natureza por meio da Geografia Escolar? Conforme afirma Callai (2010), a Geografia Acadêmica é responsável por construir os referenciais teóricos e conceituais da área, enquanto a Geografia Escolar corresponde ao conhecimento geográfico efetivamente desenvolvido em sala de aula. Trata-se de um saber sustentado na mediação pedagógica e na utilização de elementos significativos para a aprendizagem dos estudantes.

Com o objetivo de construir pontes entre os conhecimentos acadêmicos e o saber escolar por meio de mediações didáticas, este trabalho propõe uma abordagem que utiliza o conceito "socioambiental", enfatizando a relação entre o processo de urbanização, o relevo e as áreas de risco. A atividade foi direcionada aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) da Escola Municipal Temístocles de Andrade. A instituição localiza-se no bairro Teotônio Vilela, em Ilhéus-BA. Situado na zona oeste da área urbana, este é conhecido por ser o bairro mais populoso do município.

O adensamento populacional dessa área está atrelado ao movimento migratório do campo para a cidade, intensificado pela crise da "vassoura-de-bruxa" na lavoura cacaueira. Devido a esse processo, as áreas periféricas de Ilhéus foram ocupadas sem o devido planejamento ou infraestrutura. O bairro Teotônio Vilela é um exemplo claro dessa ocupação, pois desenvolveu-se sobre uma área de manguezal, da qual restam hoje apenas poucos fragmentos de vegetação. Diante desse cenário, o bairro torna-se um campo apropriado para abordar a temática da relação entre relevo e urbanização sob uma visão socioambiental, na qual a sociedade é entendida como indissociável da natureza, uma vez que a produz, reproduz e modifica.

## 2 QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS E ANÁLISE DA PAISAGEM NO ENSINO BÁSICO

A ciência geográfica permite reconhecer em seus conceitos e fenômenos a realidade. Neste sentido, o ensino de geografia permite ao aluno, por meio de suas interfaces, interpretar a relação natureza-sociedade e seus dinamismos. Relação essa que está cada vez mais estreita, fazendo com que novas temáticas e debates venham à tona quando se trata do objeto de estudo da geografia envolvendo a dinâmica sociedade-natureza. É de extrema relevância que esses debates cheguem no ensino básico, que as mudanças que ocorrem no escopo do que se faz a ciência geográfica, em constante processo, venham também ser debatidas e abordadas da devida forma dentro do que chamamos de Geografia escolar.

A geografia acadêmica e Geografia escolar possuiu objetivos diferentes, enquanto um se encarrega dos referenciais teóricos, da ciência geográfica propriamente dita, a outra se encarrega de formar indivíduos e cidadãos consciente com visão crítica de agente ativo no espaço (Callai, 2010). Ainda que distintas, a Geografia escolar não é independente da Geografia acadêmica, afirmar o contrário seria banalizar a importância da formação do licenciado em Geografia. Nesse sentido, Moraes (2011) ressalta que, embora a identidade docente seja construída ao longo da prática, a formação inicial possui um peso considerável.

A compreensão contemporânea da relação sociedade-natureza, conforme destaca Figueiró (2022), rompe com a ideia de uma natureza intocada. Toda paisagem carrega marcas da ação humana, sendo resultado de processos históricos e de sistemas sociais que regulam e transformam o meio. Esse entendimento reforça a necessidade de desenvolver no aluno um "olhar geográfico" capaz de analisar criticamente a paisagem, reconhecendo nela as relações, os conflitos e as permanências que revelam a interação entre o natural e o social. Ao perceber que a paisagem é construída e transformada, o estudante compreende-se também como agente desse processo, tornando-se corresponsável pela forma como utiliza e modifica o espaço.

Essa perspectiva dialoga com Ab'Saber (2007), que afirma que todos, independentemente de cargos ou posições sociais, compartilham a responsabilidade de preservar as heranças paisagísticas. Assim, trazer essa reflexão para a sala de aula significa formar sujeitos capazes de interpretar o espaço, avaliar suas ações e assumir uma postura ética diante da paisagem, entendida aqui como um patrimônio coletivo que deve ser cuidado e valorizado.

A abordagem socioambiental, ao analisar os conflitos e as problemáticas resultantes da relação sociedade-natureza, contribui diretamente para um ensino de Geografia mais integral e significativo. Ela permite compreender que os fenômenos físicos e humanos não se manifestam de forma isolada no espaço. Conforme destaca Mendonça (2011), a geografia socioambiental parte de situações concretas em que a interação entre o ser humano e o meio revela processos de degradação e

transformações mútuas, favorecendo a articulação entre os conteúdos físico-naturais e as questões sociais, econômicas e culturais. Essa perspectiva rompe com a tradicional dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana, demonstrando que ambos os campos são interdependentes na leitura do espaço, uma vez que a sociedade é um dos principais agentes transformadores do meio.

Diante do exposto, torna-se essencial que o professor possua um conhecimento sólido dessas temáticas e saiba integrar os conteúdos físico-naturais no Ensino Básico sob uma perspectiva socioambiental. Essa abordagem confere significado ao aprendizado ao relacionar as discussões com a realidade dos alunos, especialmente com as mudanças observadas na paisagem local. Contudo, não basta dominar o conteúdo científico: é necessário compreendê-lo como saber escolar e articulá-lo ao conhecimento pedagógico para mediar o entendimento em sala de aula. Como aponta Cavalcanti (2017), o professor precisa conhecer profundamente a ciência de referência, mas esse domínio só se torna efetivo quando acompanhado da capacidade de mediá-lo de forma didática, contextualizada e integrada, promovendo uma aprendizagem crítica e significativa.

### 3 IMPORTÂNCIA DO CAMPO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Para que a compreensão da dinâmica sociedade-natureza não permaneça no campo da abstração, é fundamental que o espaço de aprendizagem extrapole os muros da escola. Nesse contexto, a aula de campo se revela um método eficaz e privilegiado para a Geografia, pois permite a análise direta da paisagem como um resultado das relações entre os processos naturais e as intervenções humanas. Ao sair da sala de aula, o aluno tem a oportunidade de observar na prática as contradições, as adaptações e os impactos socioambientais discutidos na teoria.

Contudo, para que essa atividade se constitua efetivamente como prática pedagógica e não apenas como um passeio, o planejamento é uma etapa crucial. Viveiro e Diniz (2009) alertam que a falta de estruturação pode limitar a aula a uma simples excursão turística, desperdiçando o potencial analítico que o campo oferece. Cabe ao docente, portanto, a elaboração prévia de um roteiro rigoroso, que defina o percurso, os pontos estratégicos de parada e os objetivos de análise da paisagem, garantindo que o olhar do estudante seja direcionado para os fenômenos geográficos relevantes.

O conhecimento prévio do trajeto por parte do professor é indispensável, pois assegura o domínio sobre a área estudada e qualifica a mediação didática no momento da observação. É por meio dessa mediação planejada que a aula de campo atinge seu potencial transformador. A importância da etapa de pré-campo, que abrange desde a elaboração do roteiro pelo professor até a fundamentação teórica trabalhada em sala de aula, oferece ao aluno uma representação prévia da realidade a ser trabalhada na atividade didática.

A atividade de campo, por sua vez, constitui a materialização e a prática daquilo que foi discutido teoricamente. É fundamental ressaltar que, no contexto do Ensino Básico, em específico no Ensino Fundamental, trabalha-se com crianças e adolescentes, público que demanda maior supervisão e autorização dos responsáveis. Tais exigências são somadas aos desafios impostos pelas deficiências estruturais frequentemente encontradas nas escolas públicas brasileiras.

A qualidade dessa organização preliminar pode interferir diretamente, de forma positiva ou negativa, na eficiência das etapas subsequentes. Para garantir o êxito do trabalho, Silva, Silva e Varejão (2010) salientam que o pré-campo é essencial para orientar o aluno sobre o percurso a ser estudado, despertando a curiosidade e preparando-o para compreender a realidade observada. Esse preparo assegura que, durante a atividade externa, o estudante esteja mais atento às articulações teórico-práticas.

O pré-campo assume tamanha relevância que, quando bem estruturado e auxiliado por recursos visuais e instrumentos didáticos, como o uso de maquetes, pode atuar como uma alternativa metodológica capaz de promover a reflexão e a análise, suprimindo eventuais impossibilidades de realização da saída a campo. Destacar essa estratégia é crucial diante dos variados obstáculos encontrados no cotidiano escolar. No entanto, mesmo que a visita física não ocorra, isso não deve impedir que o professor realize discussões pertinentes. O lugar de vivência dos alunos deve continuar sendo considerado um recorte privilegiado de análise para a compreensão da dinâmica sociedade-natureza, do relevo e do processo de urbanização.

#### 4 COMPREENDENDO OS PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS DO NOSSO BAIRRO, TEOTÔNIO VILELA EM ILHÉUS/BA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Diante da riqueza que a abordagem socioambiental oferece e do amplo potencial pedagógico das aulas de campo, bem como da etapa de pré-campo, esta seção apresenta uma proposta metodológica desenvolvida para o 7º da etapa Final do Ensino Fundamental. O foco recai sobre a análise socioambiental da paisagem, com o objetivo de articular os saberes acadêmicos ao contexto escolar. Cavalcanti (2010) destaca a importância de trabalhar os conteúdos físico-naturais na educação básica de forma integrada, pois essa abordagem é fundamental para a formação do conceito de natureza como uma construção social e histórica, resultante da produção humana. Conforme Cavalcanti (2010, p. 379): “O ensino de Geografia forma um modo de pensar e de perceber a natureza e o ambiente físico não apenas na sua constituição natural, mas como um meio resultante da relação do homem com a natureza”

Ao debater a relação "Sociedade – Natureza", Almeida (2004) discute como as sociedades utilizam o relevo e se adaptam à morfologia local, considerando como aspectos físicos, a exemplo do

clima, influenciam o uso da terra. Além disso, evidencia que os aspectos culturais e históricos estão profundamente imbricados nas características físicas do lugar. Lencioni e Trindade Júnior (2024) reforçam a crítica à falsa dicotomia entre o social e o natural. Essa separação é ilusória, pois o que chamamos de social acontece no espaço, e, mais do que isso, é produtor dele.

Ao trazer essa abordagem para ensino da geografia, Cavalcanti (2010) sugere que a temática seja trabalhada por meio da busca de soluções para problemas ambientais que afetam a realidade vivida pelos sujeitos. Com base nisso, foi proposto aos alunos do 7º ano da Escola Municipal Temístocles de Andrade, em Ilhéus-BA, uma análise da paisagem sob a perspectiva socioambiental. O intuito foi levar os discentes a tecerem considerações sobre a relação entre o processo de urbanização e o relevo local, fenômeno que contribuiu para que muitos moradores do bairro ocupassem áreas consideradas de risco.

A turma participante é composta por 32 alunos, com faixa etária entre 12 e 14 anos. Aproveitando que o conteúdo que seria abordado no terceiro trimestre abordaria a "urbanização", optou-se por trabalhar esse tema de forma integrada aos processos migratórios e às mudanças na paisagem decorrentes do crescimento urbano desordenado e desigual no Brasil. A estratégia didática partiu da escala macro (processo de urbanização no Brasil) para a escala micro (o processo de ocupação das áreas periféricas de Ilhéus-BA).

A maioria dos alunos nasceu e cresceu no município de Ilhéus, e muitos residem no mesmo bairro onde a escola está localizada. Esse fator contribuiu significativamente para a dinâmica e o diálogo sobre as transformações locais. Mesmo sendo jovens, esses estudantes percebem, ainda que involuntariamente, as alterações na paisagem, notadas inclusive no trajeto diário que realizam até a escola. Agregar o conhecimento científico à realidade vivida por eles enriquece o debate sobre a análise da paisagem.

A intervenção foi dividida em diferentes momentos e realizada em dois dias diferentes. O primeiro momento foi de contextualização histórica e conceitual. Esta etapa teve caráter introdutório, visando diagnosticar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o conceito de "Urbanização". Utilizando a técnica de *chuva de ideias*, surgiram dos alunos, palavras como: "prédio", "população", "carros", "poluição", entre outras. Esses termos serviram de suporte para iniciar a discussão sobre a urbanização brasileira, destacando o período em que o país se tornou predominantemente urbano.

Partindo da escala nacional para a municipal, questionou-se: "Como se deu o avanço da urbanização no município de Ilhéus?". Discutiu-se, então, o processo histórico e econômico da região, amplamente conhecida pelo plantio do cacau. Abordou-se o impacto da praga vassoura-de-bruxa, que levou à decadência da economia cacaueira e, conseqüentemente, ao êxodo de trabalhadores rurais para a cidade em busca de novos empregos.

A crise do cacau e o consequente êxodo rural contribuíram para o afluxo de um grande contingente de pessoas desempregadas do campo para a cidade de Ilhéus e região e, por sua vez determinou a rápida expansão urbana da/na cidade. Mas, as precárias condições de infraestrutura que assolam especialmente as áreas periféricas, hoje as mais populosas e inda com elevado grau de desigualdade social, não pode ser imputada apenas a crise cacaueira. (Pinto; Moreira, 2021, p. 7)

Após essa contextualização, o olhar dos alunos foi direcionado ao seu lugar de vivência. Com o intuito de estimular a reflexão crítica, indagou-se se a urbanização é um processo homogêneo e igualitário e quais consequências do planejamento urbano ineficaz poderiam ser percebidas no bairro. Para dar suporte à análise, introduziu-se o conceito socioambiental, que, segundo Mendonça (2011), emerge da necessidade de compreender a realidade de forma integrada, focando nas situações conflituosas entre sociedade e natureza que explicitam a degradação de uma ou de ambas.

Também foi explicada a formação geomorfológica de Ilhéus, composta por planícies oceânicas e tabuleiros costeiros, inserida no domínio morfoclimático dos Mares de Morros (Ab'Sáber, 1970). Discutiu-se a necessidade de um planejamento que considere esses aspectos físico-naturais, ajudando os alunos a compreenderem a presença de construções em topos de morros e a importância da preservação de vegetações como a restinga e o manguezal. Vale ressaltar que o bairro Teotônio Vilela, onde se situa a escola, sofreu diversas modificações, incluindo o aterro parcial de manguezais, encontrando-se a 12 metros acima do nível do mar, no estuário dos rios Cachoeira e Fundão (Pinto; Moreira, 2021).

No segundo dia de aula foi realizada uma intervenção que teve como objetivo ser o pré-campo, ou seja, de preparar os alunos para a saída à campo. Apresentando o percurso com o objetivo de ajustar suas "lentes geográficas" para análise da paisagem. Utilizando a plataforma Google Earth, percorreu-se virtualmente áreas conhecidas pela professora e locais indicados por docentes moradores do bairro. Com a ferramenta de marco temporal da plataforma, compararam-se imagens de satélite de 2012 e 2022. Considerando que grande parte dos alunos nasceu por volta de 2012, eles não tinham a dimensão exata de como a paisagem havia se modificado. A comparação visual evidenciou a expansão da mancha urbana, impulsionada pelo crescimento populacional. Atualmente, o bairro conta com 17.221 habitantes e é considerado 100% urbano (IBGE, 2023).

Para a análise, foram selecionados locais estratégicos que refletissem as mudanças na paisagem e os riscos advindos de uma relação sociedade-natureza desequilibrada, onde o crescimento da cidade sobre o relevo ocorre sem o devido planejamento. Na Avenida José Fernandes, entrada do bairro, foi possível observar áreas de manguezal (Figura 1) e de encostas (Figura 2). Embora os alunos transitem por esse percurso diariamente, muitos não tinham consciência de como aquela paisagem havia sido alterada e de como as áreas de risco (encostas) e de preservação ambiental (manguezais) foram impactadas pela ação antrópica.

Figura 1 – Ocupação do mangue na Av. Avenida José Fernandes em Ilhéus-BA



Fonte: Google Earth (2012; 2016; 2022).

Figura 2 – Ocupação das encostas na Av. Avenida José Fernandes em Ilhéus-BA



Fonte: Google Earth (2012; 2022).

Também foi selecionado um local que representa a planície de inundação do rio (Figura 3). Observou-se que, com o passar dos anos, as construções nessa localidade ganharam expressividade e melhorias estruturais. No entanto, a área não é considerada própria para habitação devido ao elevado risco de inundação e pelo impacto direto na dinâmica fluvial.



Figura 3 – Ocupação da planície de inundação, na rua Rua Asa Branca em Ilhéus-BA



Fonte: Google Earth (2012; 2022).

Em outro trecho do rio, através das imagens de satélite, foi possível perceber na paisagem a limpeza realizada nas margens, bem como a variação do nível da água (Figura 4). Esse fator é consequência da dinâmica das marés que influencia o rio, característica típica de uma região estuarina. Essa observação evidencia ainda mais os riscos associados à ocupação dessas áreas marginais.

Figura 4 – Mudanças na paisagens nas margens do Rio Cachoeira



Fonte: Google Earth (2012; 2022).

Também foi analisada em sala de aula a mudança que a construção do complexo residencial acarretou no bairro e na paisagem (Figura 5). Esse projeto foi realizado em função da demanda populacional local. No entanto, conforme observado pelos alunos durante a discussão, o residencial foi construído com planejamento e com o envolvimento de profissionais qualificados. Dessa forma, encontra-se em uma área que, aparentemente, não apresenta riscos, diferentemente da realidade observada nas encostas localizadas na entrada do bairro.

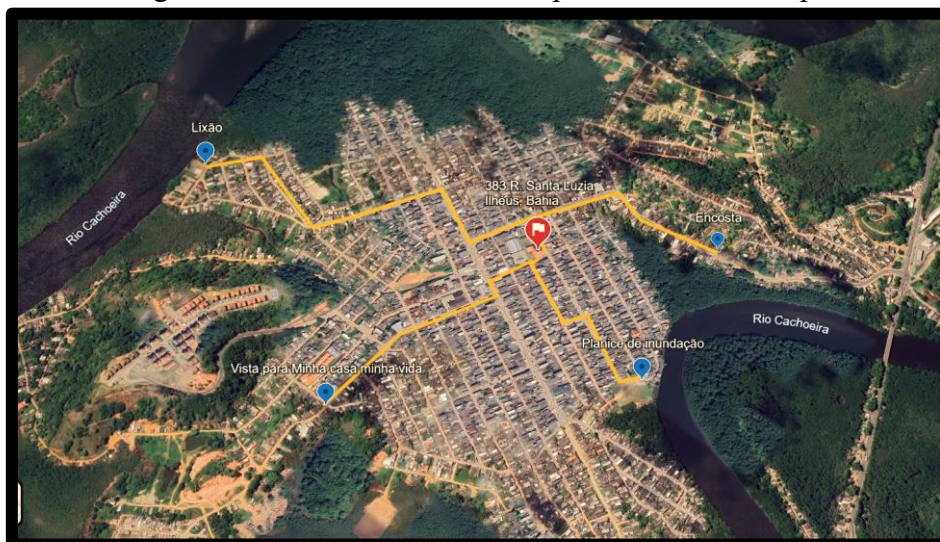
Figura 5 – Vista para o Residencial Vilela em Ilhéus-BA



Fonte: Google Earth (2012; 2022).

Após a análise das imagens com os alunos, enfatizando a dinâmica socioambiental da paisagem, foram apresentadas imagens de satélite contendo o percurso que seria realizado em campo (Figura 6). O objetivo foi permitir que todos os locais previamente analisados em um recorte temporal de dez anos (2012-2022) pudessem ser observados pelos alunos, possibilitando a análise das mudanças atuais e a compreensão de como esses espaços se encontram no ano de 2025.

Figura 6 – Percurso estabelecido para a aula em campo



Fonte: Google Earth (2025).

Com o intuito de destacar a importância do planejamento prévio à aula de campo, foi proposta a confecção de um caderno de campo (Figura 7). Nesse material, cada aluno deveria registrar os objetivos que pretendia alcançar, indicando o que desejava analisar, averiguar, comparar ou comprovar durante a atividade. Para isso, também foi sugerido que elaborassem cinco perguntas a serem feitas aos moradores do bairro, relacionadas à percepção desses sujeitos sobre as mudanças ocorridas e o processo de expansão do bairro Teotônio Vilela.

Figura 7- Elaboração do Caderno de campo pela turma do 7º A

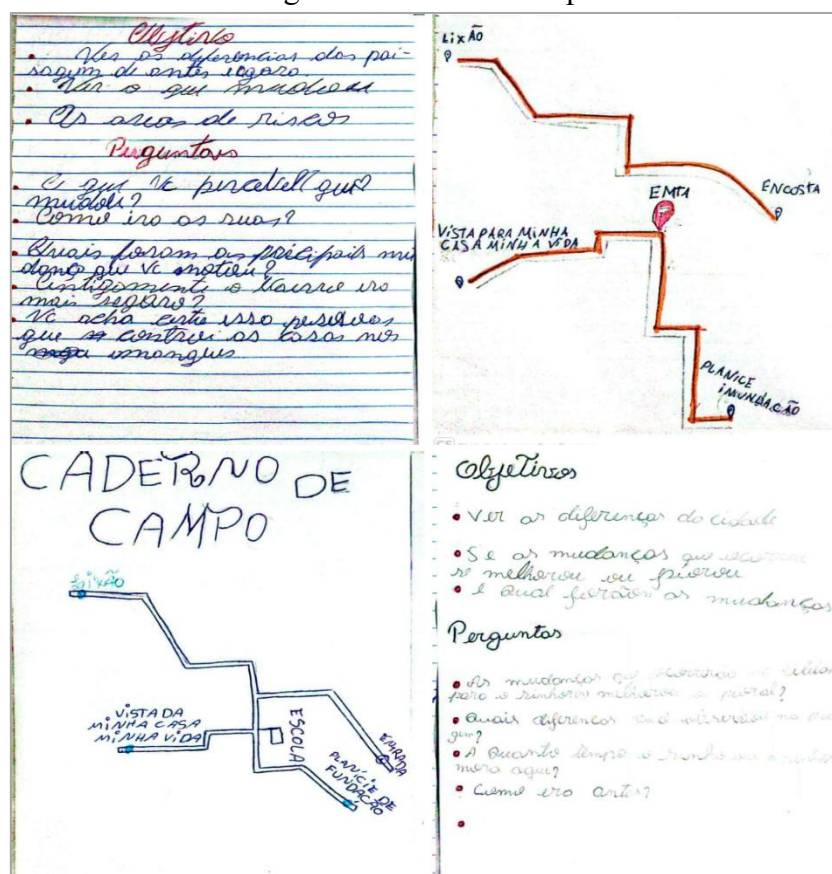


Fonte: Elaborado pelo autor.



A capa do caderno de campo consistiu em um croqui do trajeto a ser realizado, destacando os pontos de análise (Figura 8). Em relação aos objetivos propostos pelos alunos, destacam-se: "Observar a paisagem", "Verificar as mudanças do local durante o tempo", "Analisar/observar as áreas de risco" e "Saber o que os moradores fazem nessa situação". Quanto às perguntas elaboradas para alcançar tais objetivos, a indagação mais recorrente foi: "Quais foram as principais mudanças que ocorreram na paisagem? Mudou para melhor ou para pior?".

Figura 8 – Caderno campo



Fonte: elaborado pelo autor.

Infelizmente, por motivos de força maior e demandas institucionais, a ida efetiva a campo com a turma não foi possível naquele momento. No entanto, considera-se que a intervenção realizada como proposta de pré-campo foi extremamente proveitosa, contribuindo significativamente para os conhecimentos dos alunos sobre as temáticas físico-naturais sob a perspectiva socioambiental. O quadro abaixo (Quadro 1) esquematiza as etapas seguidas e aquelas que estavam previstas na intervenção.

Quadro 1 – Etapas da aula de campo

ETAPA	OBJETIVO	ABORDAGEM METODOLÓGICA
<b>1ª - Coleta de dados sobre o bairro</b>	Compreender o lugar de análise, resgatando sua história e processo de ocupação territorial.	Realizada por meio de pesquisa bibliográfica e levantamento de dados secundários. Também inclui o diálogo (história oral) com outros professores que residem ou conhecem o bairro há mais tempo.
<b>2ª - Seleção dos pontos de análise</b>	Definir os locais estratégicos que serão observados durante a aula de campo, criando uma rota coerente com a temática abordada.	Pode ser realizada <i>in loco</i> (caminhando pelo bairro), via satélite (Google Earth) ou de forma híbrida (combinando ambas as estratégias para maior precisão).
<b>3ª – Estabelecimento do trajeto</b>	Definir logisticamente o percurso a ser realizado e familiarizar os discentes com o itinerário.	Utilização do Google Earth para visualização espacial dos locais e pontos. O trajeto deve ser apresentado previamente aos alunos para nivelamento do conhecimento.
<b>4ª - Aula Teórica</b>	Abordar conteúdos e pressupostos teóricos relevantes, contextualizando o processo de urbanização no município de Ilhéus-BA.	Aula expositiva dialogada com uso de recursos visuais. Discussão sobre a história local, integrando os relatos e vivências prévias da turma.
<b>5ª - Análise do percurso e da paisagem</b>	Visualizar o percurso previamente e analisar as transformações na paisagem ao longo do tempo.	Exibição comparativa de fotografias (ex: 2012 e 2022) dos locais selecionados. Análise das mudanças na paisagem e de como as relações socioespaciais se manifestam nessas transformações.
<b>6ª - Confecção do Roteiro de Campo</b>	Elaborar o instrumento de coleta de dados (Caderno de Campo) para guiar a investigação dos alunos.	Orientação para a produção do caderno, que deve conter: 03 objetivos de observação e 05 perguntas para entrevistas com moradores, visando compreender as mudanças locais.
<b>7ª - Ida a Campo</b>	Realizar o percurso estipulado e analisar os locais utilizando o Caderno de Campo como guia.	Execução da visita técnica. Recomenda-se a participação de outros docentes e, se possível, de moradores antigos do bairro para contribuir com informações históricas e direcionamento.
<b>8ª - Pós-Campo</b>	Sistematizar e analisar os dados coletados para consolidar a aprendizagem.	Utilização dos dados conforme a pertinência pedagógica: elaboração de relatórios, apresentações ou seminários para a escola, expondo as análises críticas realizadas pelos alunos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar da impossibilidade de realização da aula de campo, o conhecimento sobre a dinâmica sociedade-natureza e as consequências do crescimento urbano desordenado sobre o relevo foi construído e articulado. Em consonância com Moraes (2011), para que a aprendizagem desses conteúdos seja significativa, é necessário que o conhecimento científico se baseie na construção de conceitos, tendo o aluno como centro do processo e o professor como mediador.

Dessa forma, o uso de plataformas de imagens de satélite, aliado à análise da dinâmica urbana do lugar de vivência dos alunos, proporcionou maior autonomia nas discussões e despertou

curiosidade sobre as transformações ocorridas ao longo do tempo, resultantes da ação antrópica e da pressão populacional e urbana no bairro Teotônio Vilela.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia Escolar nutre-se das contribuições da Geografia Científica e não pode permanecer alheia às reflexões e às novas formulações teórico-metodológicas produzidas no âmbito acadêmico. Afinal, a função da escola é promover uma formação voltada para a compreensão da complexa realidade espacial contemporânea.

Como afirma Callai (2010), as tensões existentes entre a academia e a escola não devem ser superadas ou anuladas, tampouco se deve supor que uma instância seja superior à outra. Ao contrário, é necessário evidenciá-las para identificar pontos de convergência, permitindo o diálogo e a criação de "pontes" efetivas entre esses saberes.

Diante desse contexto, este trabalho buscou contribuir para o ensino e a aprendizagem das temáticas físico-naturais por meio da perspectiva socioambiental. Essa abordagem permitiu uma análise integral, sustentada na indissociabilidade entre o humano e a natureza. A articulação desses conceitos com o crescimento urbano e a ocupação de áreas de risco exemplifica como os conteúdos podem ser trabalhados em sala de aula de forma integrada, adaptando-se ao ano escolar, à faixa etária e à formação cultural dos sujeitos.

Por fim, destaca-se a relevância da análise crítica em relação ao cenário social dessa dinâmica. É essencial que os alunos reflitam não apenas sobre os processos físicos, mas sobre a desigualdade socioespacial, questionando quem são os grupos que ocupam as áreas de risco e quem tem acesso à cidade planejada.

## REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. Potencialidades paisagísticas brasileiras. In: AB'SABER, A. N. **Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

ALMEIDA, M. G. A reinvenção da natureza. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 17-18, 2013. <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2004.7847>

CALLAI, H. C. A educação geográfica na formação docente: convergências e tensões. In: DALBEN, A. et al. (org.). **Coleção Didática e Prática de Ensino: convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 412-433.

CAVALCANTI, L. S. O trabalho do professor de Geografia e tensões entre demandas da formação e do cotidiano escolar. In: ASCENÇÃO, V. O. R. et al. (org.). **Conhecimentos da Geografia:**

percursos de formação docente e práticas na Educação Básica. Belo Horizonte: IGC, 2017, p. 100-123.

FIGUEIRÓ, A. S. Paisagens Antropocênicas: uma proposta taxonômica. In: STEINKE, Valdir Adilson; SILVA, Charlei Aparecido da; FIALHO, Edson Soares (org.). **Geografia da Paisagem: múltiplas abordagens**. Brasília: Calíandra, 2022. p. 80-106. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/45786/1/LIVRO\\_GeografiaPaisagemMultiplas.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/45786/1/LIVRO_GeografiaPaisagemMultiplas.pdf). Acesso em: 03 dez. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Panorama. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?recorte=bairros&tema=populacao&localidade=2913606>. Acesso em: 03 dez. 2025.

LENCIONI, S; TRINDADE JÚNIOR, S. C. C. **Pesquisa socioespacial**: reflexões sobre métodos e técnicas de investigação científica. Rio de Janeiro: Consequência, 2024.

MENDONÇA, F. Geografia socioambiental. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 113–132, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/352>. Acesso em: 29 set. 2025.

MORAIS, E. M. B. **O ensino das temáticas físico-naturais na Geografia escolar**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, 2011.

PINTO, N. T; MOREIRA G. L. Expansão urbana e problemas ambientais: o caso do bairro Teotônio Vilela, Ilhéus, Bahia. **Geopauta**, Vitória da Conquista, v. 6, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/rg.v6.e2022.e10067>. Acesso em: 29 set. 2025.

SILVA, J. S. R; SILVA, M. B; VAREJÃO, J. L. Os (des)caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na geografia. **Vértices**, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 12, n. 3, p. 187-197, set./dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1809-2667.20100030>. Acesso em: 29 set. 2025

VIVEIRO, A. A; DINIZ, R. E S. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. **Ciência em Tela**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1- 12, 2009. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0109viveiro.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2022.

Submetido em 22 de dezembro de 2025.

Aprovado em 29 de dezembro de 2025.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.